

a arte de desperdiçar oportunidades

Jenifer Ianof de la Fuente¹

Nem ficando na ponta dos pés, ela conseguia alcançar o seu peito. Sim, ele era alto e sério. Muito sério, como se não fosse cômico o modo como a vida atropela nossos anseios. Porém, quando sorria, seu rosto tomava uma rara forma de inocência que parecia encher seus olhos de pureza, como se fora uma criança.

Mas não era. Já era um homem feito, experiente e viril, constituído por seus tantos desequilíbrios, como os dela. Como ele nunca tivera coragem de falar-lhe sobre seu desejo em sua juventude, o reencontro foi marcado por afetos reticentes e fantasias acanhadas.

Tímidos, eles se cumprimentaram e se sentaram à mesa da lanchonete. Inicialmente, ele havia pensado em um restaurante com uma atmosfera íntima, mas ela não tinha tempo. Nunca tinha. Antes de se reunirem pessoalmente, muitas mensagens, reflexões e críticas de filmes entremeadas a discretos elogios e insinuações sobre a mútua atração os haviam aproximado de uma forma que não poderiam ter previsto. Ninguém poderia havê-lo feito.

Era a arte que os unia. O modo como viviam as palavras e dissecavam a angústia humana. Sim, era isso.

Ele a olhava com receio e não parecia o homem atrevido e seguro que se mostrava por trás das telas. Mesmo depois de vinte anos sem ver-se, ela ainda trazia aquele olhar assustado e seu sorriso encantador. Ele continuava lindo, com o mesmo vigor impecável, e seu escancarado olhar fundo e pungente. Não era fácil ver um sorriso dele, mas, quando acontecia, ela se sentia a pessoa mais importante do mundo, como se ela fosse a razão, pois todo o rosto dele serenava e a vida parecia recobrar sentido. Estava assim, estupefata: nada parecia ter findado. De súbito, contudo, ela notou alguns fios brancos no cabelo mediano dele. Não, os anos não concediam tréguas.

Ela o olhava por cima dos óculos e, a cada dois minutos, colocava suas mechas cacheadas atrás da orelha. Pensava que estar ali era um erro, mas não podia dominar a excitação de retornar à juventude e às possibilidades que vinham com ela.

Expressar-se agora já não era natural. Olharam o cardápio por mais de quinze minutos sem dizer uma palavra, até que ela não pôde mais suportar aquele silêncio aflitivo.

— Não tenho muito tempo — disse sem pensar, querendo apressar algo que nunca aconteceria.

¹ Mestranda em Literatura Brasileira pela USP, especialista em Educação e Tecnologia pela Ufscar, especialista em Ensino de Língua portuguesa e Língua espanhola e graduada em Letras. Professora de português, espanhol, revisora de texto, tradutora e psicanalista em formação. E-mail: jeni.ianof@gmail.com.

Ele foi sucinto, retendo o temor, sem ceder ao impossível:

— Eu sei.

Em seguida, parecendo renunciar mansamente, ela tirou o livro de Ítalo Calvino *Os amores difíceis* da bolsa e lhe entregou, gabando-se de que nunca se esquecia de uma promessa. A ele a frase soou cortante, como uma exigência insensata de um passado. Daí em diante, no entanto, a conversa fluiu como se estivessem protegidos pela distância física. Como sempre, falaram de forma singela sobre poucas trivialidades, literatura, música, morte, vida, alma humana, e, claro, sobre a incredulidade dela ao constatar que ele ainda não havia visto as séries populares que ela indicara centenas de vezes.

As palavras pareciam haver voltado ao seu lugar. Era um alívio para ambos. Quando os pratos chegaram, porém, eles souberam que o tempo estava se esgotando. Logo, ela precisaria voltar. Enchendo-se de coragem, como se fizesse um grande esforço, ele arriscou:

— É muito bom finalmente rever você.

— Sim, também achei. É uma pena que eu não possa ficar muito.

— O que você disse a ele?

Neste momento, o garçom os interrompeu, repondo os guardanapos. Os olhos dele recuaram e voltaram-se à mesa. Talvez não houvesse sido o melhor momento para fazer aquela pergunta. Não iria repeti-la. Sua vontade era levá-la à sua casa e experimentar o que desejava havia anos. Tinha muito medo, no entanto. A situação não permitia ousar. Ele nunca se permitia ousar para além de seu conforto esburacado. Ele não podia se atrever a abrir mão de sua cômoda e lamentosa solidão.

Ela, no entanto, já estava perturbada com sua covardia concretizada em falta. Falta de atitude, falta de palavras. Seria também falta de afeto? Para que ele tinha marcado esse encontro então? Ele não diria nada? Ambos sabiam que era impossível qualquer efetivação, mas ela esperava escutar dele; precisava que pelo menos uma vez ele fosse explícito. Precisava de uma confissão, precisava ouvir para que a faísca da incerteza se esvaísse. Não tolerava mais:

— Por que você nunca me convidou para sair quando éramos jovens? Quando ainda era possível.

Ele se calou. Mais uma vez, não sabia o que responder. Este talvez fosse um de seus maiores arrependimentos, mas ainda poderia dizê-lo? Pensar que tudo poderia haver sido diferente. Bastava ter feito um convite. Ela era linda, inteligente, ingênua e solteira. E nada os impedia. Por que não o fizera?

Por que não o fizera? Ela esperava a resposta e ele continuava calado. De que adiantava haver-lhe convidado agora? A esta altura, a mesa já deveria estar posta, com cada qual ao seu lugar. Como era sexta, seu marido preparara batata assada e carne de panela e seu filho ansiava pelo sorvete de sobremesa. Tudo milimetricamente definido.

O que ele esperava? Ele sabia que ela não podia se entregar a uma aventura que talvez a fizesse entrar em contato com seus mais sinceros desejos. Ele sabia que se entregar-se a isso poderia significar a si mesmo uma quebra de paradigmas. Não estava pronto para romper barreiras.

Cansada de esperar, com uma angústia que a desfalecia, notando que ele não lhe daria a oportunidade de arriscar, ela se levantou sem terminar a refeição e lhe avisou que precisava ir sem que de fato o necessitasse.

— Fique — ele pediu, mantendo a serenidade, mas como se tivesse perdido aquela pureza dos olhos, já algo desolados.

Sentindo a vida que lhe poderia estar sendo escorrendo-lhe novamente e, mais uma vez resignada, só lhe restou sussurrar revelando todo seu querer condenado:

— Eu não posso. Não, eu não posso.